

# Uma abordagem ideológica do discurso em sala de aula

Márcio Rogério de Oliveira Cano<sup>1</sup>, Rosângela Aparecida Ribeiro Carreira<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) [marciorogersp@bol.com.br](mailto:marciorogersp@bol.com.br)

<sup>2</sup>Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) [rosecarreira@aol.com](mailto:rosecarreira@aol.com)

**Abstract:** *The mental model is the interface between the cognitive and the social, manipulated by the ideologies which are part of the social groups. In this research we may think that the mental models may determine the means of the speech and are controlled ideologically. We apply the theory of “Semântica do Discurso” from Teun van Dijk (1997)” in texts produced by students at Portuguese classes, with the intention of realizing how the conflict between two ideologically different groups works and how it influences the meanings of the production.. We detected that that the students elaborate texts oriented by the ideologies that make possible the unit of its group, although with significant interferences from the teacher’s group ideologies.*

**Keywords:** *Ideology; pedagogic discourse and mental model.*

**Resumo:** *O modelo mental é a interface entre o cognitivo e o social e manipulado pelas ideologias que constituem os grupos sociais. Nesta pesquisa, partimos da concepção de que os modelos mentais determinam os sentidos do discurso e são controlados ideologicamente. Aplicamos a teoria da Semântica do Discurso de Teun van Dijk (1997) em textos produzidos por alunos nas aulas de Língua Portuguesa, com a intenção de perceber como se dá o conflito de dois grupos ideológicos diferentes e de que forma se manifesta no controle dos sentidos dos enunciados produzidos. Detectamos que os alunos elaboram textos orientados pelas ideologias que possibilitam a unidade de seu grupo, porém com interferências significativas da ideologia do grupo de professores.*

**Palavras-chaves:** *Ideologia; discurso pedagógico e modelo mental.*

## 1. Por que uma abordagem ideológica do discurso

Os estudos acerca da leitura e produção de textos vêm avançando gradativamente no que diz respeito às abordagens sociais e cognitivas. Muitos deles tratam de tais processos ou orientados socialmente, ou mentalmente, traduzindo-se em perspectivas

que muito contribuem para entender como os sujeitos produzem e lêem textos dentro de um grupo social específico, sendo guiados pelas regularidades discursivas deste grupo. Detectamos também nesses estudos, como se dá a produção textual em uma perspectiva cognitiva e as formas de processamento da informação, a partir da interação da informação nova com o conhecimento e conceitos (estruturas cognitivas) já apropriados pelos indivíduos e ativados em momentos de inferências e reconhecimento das relevâncias e estruturas dos textos.

Para o processamento cognitivo, um complexo jogo de estratégias é manipulado a fim de se entender o que se lê ou se ouve. Ao interagir com o texto, o indivíduo ativa conhecimentos estocados na sua memória semântica e sua memória episódica, utilizando, para isso, sua memória de trabalho que dá conta de interagir a informação nova com os conceitos mais abstratos e gerais da memória semântica, ou modelos mentais de contextos ou de situação que o permite reconhecer ambientes, planejamentos, situações trazidas pelo texto. Estes modelos mentais estão contidos na memória episódica e, assim como os conhecimentos mais estanques, são trazidos à tona pelo processo inferencial que permite recuperar a partir de uma informação dos textos, outras informações guardadas na memória. Esses mesmos conhecimentos são ativados no momento da produção textual, haja vista que o texto é um espaço de interação entre textos anteriores e posteriores, logo, qualquer texto encontra-se na cadeia de produção/interpretação.

Em uma perspectiva social, as formas de leitura e produção têm historicidade. Isso implica dizer que o leitor não é um ser isolado do mundo e da história, mas sim ligado a um grupo que, a partir de sua formação discursiva, irá estipular formas de escrever e ler ligadas ao que é permitido pelo grupo e que se constitui, dentro de um processo hegemônico, processos legitimados pelo poder em uma relação de classes. Os participantes do discurso são, por consequência, constituídos histórico-socialmente e escrevem e lêem aquilo que lhes foi permitido pelo poder.

Nos entremeios desta relação social e cognitiva, pensamos que a Análise Crítica do Discurso vem propor um elo entre o sujeito constituído socialmente e as formas como se dão o processo individual e cognitivo de interação por meio da linguagem. A ideologia, vista como conjunto de crenças de um grupo social, pode ser esse elo que permita entender como os sujeitos produzem e consomem textos orais ou escritos guiados pela ideologia de seu grupo, mas também leva em consideração as formas de resistência, tanto individuais como coletivas que interferem nas estruturas ideológicas dominantes. Logo, o sujeito não é apenas guiado pela ideologia do poder, mas também pelo conflito de tal ideologia com a ideologia do seu grupo específico e das formas como ela é processada do ponto de vista cognitivo.

Ao analisarmos, mais adiante os modelos mentais que os alunos atualizam na produção textual sobre a sala de aula, tentaremos apreender de que forma a ideologia dominante do discurso pedagógico se mantém sociocognitivamente nos alunos e como esses, ligados ao seu grupo, reconstruem a ordem dessa ideologia a partir daquela própria do seu próprio grupo.

## 2. O que são Ideologias

Nosso trabalho se respalda nos estudos de van Dijk (1997) sobre as formas como as ideologias se articulam no nível de significado do discurso. Primeiramente, é preciso saber qual é a concepção de ideologia que iremos adotar, tendo em vista que são vários os conceitos trabalhados no percurso da história. Não cairemos na concepção talvez tendenciosa de que só possui ideologia um grupo dominante e todos os outros grupos da relação de dominação estão subjacentes a elas, ou seja, os grupos dominados também possuem ideologia, responsável, principalmente, pela sua auto-identificação, pelos seus objetivos e as ações que fazem com que o indivíduo, ao adotá-las pertença a este e não àquele grupo. Exemplificando, podemos dizer que há uma ideologia machista dominante à qual todos os grupos pertencentes à sociedade estão sujeitos, porém, como resistência, há a ideologia das feministas, das donas de casa, dos homossexuais etc. Todas elas interagindo com aquela dominante tendo picos de submissão e de intervenção na ordem.

Superada essa idéia, partimos para um segundo conceito equivocado, que é achar que as ideologias são, em princípio, falsas ou verdadeiras. O critério de verdade ou de falsidade será julgado pelo próprio grupo que a detém, ou seja, será relativo ao seu grupo. Um grupo de alunos pode, por exemplo, julgar que os piores alunos são aqueles que obedecem cegamente ao professor e isso ser a verdade para eles e, no entanto, os professores podem julgar isso falso e achar que um dia os alunos chegarão à sua verdade, que é a obediência aos ensinamentos e às ordens de quem está hierarquicamente, na estrutura burocrática, acima.

Tendo em vista que as ideologias são sociocognitivas, estamos a um só tempo dizendo que elas se articulam no nível cognitivo, pois é um sistema de crenças partilhado e social, pois são resultados da interação intersubjetiva do grupo social e encontram-se na tensão do conflito entre o grupo dominante e o grupo dominado no interior do discurso.

*As ideologias são modelos conceituais básicos de cognição social, partilhadas por membros de grupos sociais, constituídos por seleções relevantes de valores socioculturais e organizados segundo um esquema ideológico representativo da autodefinição de um grupo. Para além da função social que desempenham ao defender os interesses dos grupos, as ideologias têm a função cognitiva de organizar as representações sociais (atitudes, conhecimentos) do grupo, orientando assim, indiretamente, as práticas sociais relativas ao grupo e, conseqüentemente, também as produções orais e escritas dos seus membros. (van Dijk, 1997:111)*

Chegamos, nesse momento, à parte mais substancial do modelo teórico proposto por van Dijk; a interface entre o social e o cognitivo que são os modelos mentais (modelos situacionais e modelos de acontecimentos). São esses modelos a base mental do discurso oral e escrito, por meio dos quais os indivíduos se interagem partilhando crenças,

conhecimentos que são os modelos nucleares, mas que permitem modelos mais localizados que são formados pela combinação subjetiva das experiências, acontecimentos, planos de ações. Se os modelos são as representações sociais que dão significado ao discurso, é por meio de sua análise que podemos chegar às formas como as ideologias se articulam no nível também do discurso.

Um modelo que possa permitir chegar até as estruturas ideológicas deve lançar mão de categorias de análise da Semântica do Discurso que são:

a) Verdade e falsidade: elas são relativas ao grupo de poder que faz com que seus membros interpretem, entendam e construam a realidade social, isso quer dizer que, enquanto para o lingüista há o conhecimento, para os indivíduos há as crenças, que são verdadeiras ou falsas de acordo com o que determina o seu grupo e suas ideologias.

b) Proposições: antigamente vistas apenas como modelos mentais. Com o advento dos estudos acerca da ideologia, tais modelos também são controlados ideologicamente, por meio das modalidades de necessidades e possibilidades, da forma como se predicam os grupos sociais, os indivíduos e os objetos, a quem é atribuído, no discurso, o papel de agente, paciente, objeto etc, e, por fim, as propriedades tendenciosas que representam o mundo a partir de um ponto de vista, de uma perspectiva ou de uma posição.

c) Lexicalização: a seleção dos significados das palavras no discurso.

d) Estruturas proposicionais: como os atores sociais podem desempenhar papéis em relação às ideologias subjacentes, um grupo social pode ser representado proposicionalmente em vários discursos de forma negativa, a fim de que se construa a sua imagem, ou ao contrário, quando o interesse é deixar uma imagem positiva.

e) Tópico, comentário, foco, fundamento, importância, relevância etc: as relações funcionais que esses itens estabelecem dentro de uma proposição ou de interproposições mostram que há implicações ideológicas na escolha do que será tópico, do que será comentário, qual foco privilegiado, qual fundamento escolhido para explicar tal fato, etc.

f) Implicação: um indivíduo pode dizer um significado A, que também expressa um significado B, mas que para entendê-lo o receptor precisa utilizar um processo inferencial, impulsionado por um conhecimento partilhado que é de caráter sócio-cultural, portanto, ideológico.

g) Nível de descrição e grau de especificidade: pode desempenhar funções ideológicas o nível em que se descrevem as coisas, passando pelo conceito do que é relevante ou irrelevante e o seu grau de pormenores selecionados pelo interesse do grupo.

h)Coerência local: as proposições podem estabelecer relações de coerências uma com as outras se funcionar como generalização de proposições anteriores, uma especificação, um contraste ou um exemplo e construir o referente a partir de uma seleção das formas como se quer as relações de coerência local.

i)Movimentos semânticos locais: além da coerência local, as relações entre as proposições podem ser de natureza estratégica. Há um movimento semântico no âmbito do discurso quando o grupo ou indivíduo quer se apresentar de forma positiva, salvaguardar aparências, persuadir, defender.

Nosso *corpus* de análise foi obtido junto aos professores da rede pública que se propuseram a aplicar nossa proposta de atividade.<sup>1</sup> Partindo da leitura e análise de tiras e piadas cujo contexto era *a sala de aula*, a proposta previa a produção de textos com o tema *sala de aula*.

### 3. O Conflito Latente

As relações de poder, a hierarquia social e a possibilidade de ascensão social são alguns aspectos relevantes na escrita dos alunos. Observemos alguns trechos de tais redações:

“Na aula da Profa. 1 ela fica gritando não adianta, porque eles *são os mais bagunceiros* que tem até que chamar os *diretor ou os diretores para resolver os problemas...*”

“...a sala dela é a *pior e suja* que os professores chegam e coloca tudo em *ordem..*”

“ Se eu fosse uma professora eu não *daria ousadia* eu teria *limites* eu iria *impor regras*, iria ter saco de fazer lição e teria hora de conversas mas com *moderação* se a sala não respeitar eu tomaria precauções e deixaria a sala *sem liberdade* por um determinado tempo..E eu seria uma boa professora e também uma pessoa respeitada igual ao professores que eu citei...”

“O professor de matemática não tem paciência *põe logo pra fora...*”

“...*expulsa alguns pra fora* como hoje...”

“...não deixa ninguém fazer bagunça a de Português deixa *mais ou menos, às vezes nós saímos para a Biblioteca.*”

“As vezes entra alguns *professores* nas salas que têm *conhecimento da matéria e controle da sala*. Outros não têm.Dependendo do professor a sala vira de pernas pro ar. Mas, quando troca de professor a sala fica organizada..”

Nesses primeiros fragmentos podemos perceber algo que foi recorrente nas produções: como o discurso dominador determina as escolhas que se fazem na topicalização dos textos. Os trechos acima colocam a figura do professor como agente da resolução de todos os problemas apresentados pelos alunos. Ele está no centro do conflito presente no modelo mental da sala de aula dos alunos, mas sempre como alguém

que resolve todos os problemas. Na terceira fala do aluno acima, para poder se colocar como agente da relação, a estudante se coloca na condição de professora, pois parece não ser permitido a ela, tomar decisões como aluna. Tal conceito está implicitamente ligado à ideologia da estrutura escolar, em que a hierarquia precisa ser friamente obedecida. Como já definimos anteriormente não tomamos aqui tais assertivas como “verdadeiras” ou “falsas”. Porém, podemos depreender do discurso imanente desses alunos aspectos sociais, que percorrem a semântica discursiva, assim, os fatos narrados ou os argumentos apresentados reforçam a idéia positivista de “ordem e progresso” em que os alunos devem permanecer calados. Nos três primeiros trechos, a presença do aluno se dá de forma passiva, calada mesmo, enquanto cabe ao agente ser o professor, diretor ou diretores. Essa organização proposicional tem um fundo ideológico. No entanto, percebemos claramente o conflito no último trecho em que a construção só se pode dar a partir da avaliação do grupo de alunos, relacionando a falta de conhecimento da matéria com o não-controle da sala. No entanto, passa a ser uma atitude retórica iniciar a proposição com o modalizador “às vezes”, que atenua a crítica, mas não deixa de fazê-la. No entanto, na última proposição “*Mas, quando troca de professor, a sala fica organizada*” a afirmação é categórica, como se redimindo à crítica feita e voltando à figura do professor como solucionador do conflito. Isso é um processo de movimentação semântica, determinada ideologicamente.

Assim, há sujeitos que conseguem, na hierarquia discursiva que a sala de aula requer, conquistar e persuadir o público por meio do “conhecimento” e, ainda há, os que pretendem o “domínio” não pela autoridade do conhecimento, mas, pelo autoritarismo de atitudes externas que revelam uma “repressão” discursiva que também reflete, de certo modo, atitudes sociais. Ou seja, nossos alunos se rebelam contra o que é inadequado e se pronunciam contra o que não é adequado, ao mesmo tempo em que admitem sua postura de desacato pela linguagem, também denotam em seu discurso os “porquês” de suas atitudes.

Além disso, a lexicalização apresentada nas proposições estrutura e até aproxima o ambiente escolar de um ambiente repressor e autoritário, uma vez que alguns termos recorrentes reforçam essa idéia como “punir, obedecer, castigar, calar, expulsar, dominar, liberdade, copiar e chata”. Ou seja, constrói-se cognitivamente um conceito de que a escola é chata e repressora.

Nos fragmentos a seguir a relação estabelecida é outra, porém, não deixa de fazer parte do inconsciente coletivo a associação do conhecimento a uma possibilidade de ascensão social e a consciência que as crianças têm em relação ao seu papel na sociedade. O conhecimento, mais uma vez presente, agora se institui não só como forma de “*poder*”, mas também como instrumento de libertação de modificação da ordem social. Temos:

“A sala de aula é a melhor coisa porque podemos *ser alguém na vida*, ultimamente quem não tem estudo não consegue arrumar trabalho fácil.”

“Em sala de aula nós temos lições chata e essa baboseira de educação pra quando crescermos ter um trabalho decente”

“Se não vamos ser um bando de malucos que não vai saber prestar um vestibular ou mandar um currículo para uma firma vai ser igual a maioria do *desempregados* no mundo.”

“Eu estudo porque senão eu fico que nem essas pessoas pela rua hoje em dia.”

“Tem gente na escola que só estuda por que a mãe *obriga* ou só vai encher o saco.”

“Por isso eu acho que o Brasil deve *melhorar e a sala de aula* também.”

A sala de aula não é um espaço que se justifica no presente, mas sim no futuro. Esse conceito ideológico, trazido pelos pais, professores e pelas políticas educacionais, regem a forma como se predica a sala de aula. Detectamos aqui outro conflito de dois grupos existentes: de um lado os professores que dizem que a escola é importante para o futuro e, de outro, o grupo dos alunos que assume tal ideologia, mas criticam “*nós temos lições chatas e essa baboseira de educação*”, que implica dizer que terão que se sujeitar a esse modelo para serem alguém no futuro.

É possível verificar no discurso dos alunos uma reprodução do discurso dominante em que um “*indivíduo de má índole pode influenciar um bom sujeito*”, premissa que resgata a idéia de Rousseau da corrupção dos indivíduos pelo meio em que vive e que preconiza o discurso pertencente ao universo adulto que analisa regras de conduta e tenta impor o “certo” e o “errado” socialmente. Além disso, temos a reprodução de características pertinentes às macroestruturas sociais como “*desemprego, abandono e carência material e afetiva*” que se instituem no discurso e na microestrutura “Sala de aula” e o sujeito justifica a “necessidade” da escola pela necessidade de “libertação” de suas condições financeiras e de sua necessidade de ascensão. Mais uma vez, o conhecimento e o discurso dominante se impõem como forma de poder e controle social.

Os tópicos discursivos, em sua maioria, seguiram a temática proposta “sala de aula” sendo tal expressão recorrente no desenvolvimento de muitos parágrafos, variando entre ela e os substantivos “professor” e “aluno”. No desenvolvimento do comentário, as noções semânticas relativas aos graus de *proeminência, importância e relevância* destacam-se por estarem intimamente ligadas à relação tópico-comentário, que evidenciam a relação entre contexto e produção textual na presença de problemas contextuais como “indisciplina” e “falta de conhecimento” pautados em situações reais, muitas vezes afiançadas, pela descrição de aulas de determinados professores como da “Profa. 1” para sustentar os argumentos centrais e realçar a idéia central de um modelo situacional “Sala de aula”, muito mais relacionado com questões de ordem e disciplina do que questões epistemológicas e didáticas. Os alunos utilizam-se da temática para tratar de problemas do cotidiano que façam parte da “sala de aula” ou interfiram de algum modo nesse ambiente, ou seja, ainda que o agente iniciador do tópico seja “a sala de aula” ou “o professor”, observamos tópicos implícitos “a relação de poder” e “a indisciplina”.

Van Dijk (1997) ressalta que há diferenças, ainda que sutis, entre *proeminência, relevância e importância*. A *proeminência* relaciona-se à superfície textual e, portanto, às microestruturas que permitem a organização textual. Inclui desde as escolhas lexicais

até a organização discursiva pertencente a um determinado gênero.

*“A importância das informações define-se relativamente às cognições sociais (conhecimentos, atitudes ou ideologias) de um grupo social, incluindo as (representações das) suas finalidades, normas e interesses”.*

*A noção de relevância- que tem, também, muito em comum com a de importância, especialmente no que diz respeito aos interesses práticos dos grupos – pode ser definida de forma mais específica em termos contextuais: a informação é mais ou menos relevante para o discurso oral ou escrito por exemplo, porque condiciona a interpretação de expressões posteriores), para o contexto de interação (por exemplo, porque esse conhecimento é indispensável a ações subseqüentes) ou, mais genericamente, para as necessidades que dela têm, no momento,*

Assim, para a percepção das ideologias presentes no discurso dos alunos identificamos que argumentar sobre “Sala de aula”, além de ativar o modelo situacional “Sala de aula” também hierarquizou as relações de importância e relevância das informações de acordo com as ideologias discursivas presentes no contexto escolar. Tratar de “Sala de aula” é importante por ser um tema conhecido e próximo dos interlocutores, porém, só se tornou relevante, à medida que serviu de estratégia discursiva para a discussão de problemas educacionais e sociais que dizem respeito às necessidades dos alunos: o direito ao acesso ao conhecimento; o direito de criticar aulas ruins e reivindicar boas aulas; o direito à justiça social; o direito a emprego e, sobretudo, o direito à palavra.

#### **4. Considerações Finais**

Partindo da análise apresentada, podemos perceber que realmente a ideologia dos grupos sociais organiza cognitivamente as escolhas que são feitas ao produzir um texto. O modelo de análise adotado permite justificar o processo pelo qual o indivíduo organiza seu discurso de uma e não de outra forma, e isso traz importantes contribuições. Em primeiro lugar, poderemos constatar a ideologia presente no discurso, em segundo, ao ouvir o que os alunos falam e por que falam dessa forma, poderemos entender que não se trata de entrar em conflito com eles, mas sim entender o caminho que os estudantes percorrem ao produzir um texto e atuar no espaço desse caminho. Por fim, ter conhecimento dos modelos mentais que os alunos trazem ajuda-nos a reconstruir os nossos próprios modelos, tanto de escola como de aluno e, para reestruturar as relações internas da sala de aula, são esses modelos que precisam ser mudados.

Mesmo nas séries iniciais, é possível observar, que a escola ainda reproduz o discurso positivista de ordem e progresso e a disciplina ainda é imposta de maneira autoritária. Em contrapartida, foi possível notar no discurso dos alunos que a autoridade é imposta pelo conhecimento, pois, sua crítica é baseada em atitudes efetivas de professores que “sabem” e professores que “não sabem a matéria”.

A ideologia do discurso presente nas redações dos alunos poderia direcionar a metodologia que seria aplicada como recurso didático, se o professor, ao trabalhar a linguagem, se detivesse não somente nos aspectos microestruturais, mas se fizesse uma análise discursiva das características que podem direcionar seu trabalho tanto na produção textual como na leitura de seus alunos.

Conclui-se que os textos produzidos pelos alunos seriam, assim, não somente um suporte avaliativo de “erros” e “acertos” lingüísticos, mas, sobretudo, um recurso que forneceria informações para subsidiar o trabalho em sala de aula.

Esse trabalho surge como uma primeira reflexão sobre as ideologias do discurso em sala de aula e deixa em aberto a possibilidade de futuras perspectivas de análise e sugestões metodológicas.

<sup>1</sup> Vide anexo.

## **BIBLIOGRAFIA**

Brandão, Helena H. N., 2004, Introdução à análise do discurso. Editora Unicamp, Campinas, SP.

Fairclough, Norman, 2001. Discurso e mudança social. Brasília. Editora Universidade de Brasília

Van Dijk, T. 1997. Semântica do discurso e ideologia. In Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Emília Ribeiro Pedro (Org.) Editorial Caminho, Lisboa.